

TEATRO  
SÃO LUIZ

22 NOV  
MÚSICA

# À PROCURA DE UM SOM PORTUGUÊS

*Teatro Nacional de São Carlos*



# Travessias

## O Nacionalismo na Arte

**SALA BERNARDO SASSETTI**

**22 NOVEMBRO, 18H30**

Duração: 1 hora

### CONVIDADOS

João Paulo Santos

[Diretor de Estudos Musicais  
do Teatro Nacional  
de São Carlos]

A propósito do concerto *À procura de um som português*, reservamos espaço para uma travessia sobre o Nacionalismo na Arte, que se inicia na música e desagua na história da arte do século xx, em particular no domínio das artes plásticas. Com convidados que partilham conhecimento e reflexões, lançamos pistas para uma melhor compreensão do concerto que apresentamos de seguida.

**2**

Raquel Henriques da Silva

[Professora Catedrática Jubilada  
do Departamento de História  
da Arte da NOVA FCSH]

### MODERAÇÃO

Andrea Lupi

# Programa

## FREDERICO DE FREITAS

(1902-1980)

### O muro do derrete:

Suíte do bailado

### A formosura desta

fresca serra

[Luís de Camões]

(Soprano)

## JOLY BRAGA SANTOS

(1924-1988)

### Acordando

[Antero de Quental]

(Soprano)

### Delgadas, claras

águas do Mondego

(de 3 Sonetos de Camões)

[Luís de Camões]

(Barítono)

## FERNANDO LOPES-GRAÇA

(1906-1994)

### O menino da sua mãe

[Fernando Pessoa]

(Barítono)

### Cantiga de embalar

[popular]

(Barítono)

### Agora é que ela vai boa

[popular]

(Soprano)

### Meu lírio roxo

[popular]

(Soprano)

## JOSÉ VIANNA DA MOTTA

(1867-1948)

### Tristeza

[João de Deus]

[Estreia em tempos modernos]

(Barítono)

### Canção perdida

[Guerra Junqueiro —  
orquestração de Pedro  
de Freitas Branco]  
(Soprano)

### Lavadeira e caçador

[João de Deus —  
orquestração de Pedro  
de Freitas Branco]  
(Soprano, barítono)

## FERNANDO LOPES-GRAÇA

(1906-1994)

### Três danças

portuguesas Op. 32

*Fandango*

*Dança dos Pauliteiros*

*Malhão*

# À procura de um som português

## **SOPRANO**

Eduarda Melo

## **BARÍTONO**

Tiago Amado Gomes

## **DIREÇÃO MUSICAL**

João Paulo Santos

Orquestra Sinfónica

Portuguesa

O final do século XIX e a primeira metade do século XX destacaram-se, no panorama musical português, por uma busca incessante do que poderia constituir uma música nacional, ou uma música que melhor transmitisse uma ideia de identidade nacional. Ainda que com abordagens distintas, por vezes mais no campo da intenção do que nos seus resultados práticos e audíveis, todos estes compositores se demarcaram por essa mesma busca, ligando-se, assim, o final de um romantismo nacionalista a um modernismo marcado por programas políticos concretos de construção de uma imagem nacional. O que une as várias obras e os vários compositores deste programa é, portanto, principalmente uma aproximação às intenções de criação de uma música fundamentalmente portuguesa, através do uso do cancionero popular ou da poesia erudita, do mesmo modo exaltando a cultura nacional, marcando-se o início e o fim do concerto pela inclusão de música de dança — bailado ou danças populares —, que, sem palavras, obedece também à mesma urgência de retrato, tratamento ou valorização de uma consciência musical nacional.

Quando pensamos em bailado em Portugal, é provável a imediata associação a Frederico de Freitas (1902-1980) e à Companhia de Bailados Verde Gaio. Frederico de Freitas foi, como tantos outros da sua época, um criador multifacetado, inicialmente dedicado aos costumados impulsos modernistas de juventude. Ainda que uma imagem de um certo conformismo lhe seja atribuída, sobretudo mediante a sua intensa colaboração com os Bailados Verde Gaio,

o pensamento modernizante não parece ter esmorecido totalmente em Frederico de Freitas.

A sua proposta para os muitos bailados que compôs regeu-se pela intenção de equilíbrio entre uma linguagem moderna e a estética folclorizante dos Verde Gaio. Esse era, enfim, o último objetivo de António Ferro e do seu Secretariado da Propaganda Nacional — a criação de uma linguagem artística, fosse ela por meios pictóricos, musicais ou coreográficos, que demonstrasse a antiguidade, a autenticidade e a singularidade da cultura popular portuguesa, embora simultaneamente moderna e em consonância com as correntes artísticas em voga no Centro da Europa. O seu primeiro bailado, *O muro do derrete*, estreou em 1940, pelos Verde Gaio, no Teatro da Trindade, sob a direção do maestro Ivo Cruz, com coreografia de Francis Graça e cenografia e figurinos de Paulo Ferreira. Partindo do costume do muro do derrete na Feira das Mercês em Lisboa, Frederico de Freitas constrói uma paisagem sonora de acordo com a ideia de consciência nacional veiculada pelo Estado Novo, recorrendo a uma linguagem folclorizante recheada de elementos modernizantes.

Na busca de uma identidade musical nacional, é comum o recurso à poesia erudita e, sobretudo, a Luís de Camões como símbolo de um período áureo da cultura e da literatura portuguesas. *A formosura desta fresca serra* de Frederico de Freitas é um dos produtos dessa consciência. Composta em 1937 para voz e orquestra, afasta-se da linguagem popularizante e aproxima-se de um madrigalismo neoclássico tal como imaginado

por Luís de Freitas Branco (1890-1955) — de quem Frederico de Freitas fora aluno —, na representação metafórica e metonímica da intenção poética.

Já Joly Braga Santos (1924-1988), na senda do seu mestre Luís de Freitas Branco e do antecessor José Vianna da Motta (1867-1948), acaba por ter uma maior aproximação à cultura erudita que à cultura popular ou folclórica. Um certo afastamento do cancionero popular (salvo algumas exceções) prende-se maioritariamente com a crença na ideia de que uma linguagem moderna nacional se construiria, em primeira instância, pela renovação dos valores da música pré-romântica e da literatura nacional. A aproximação a Antero de Quental e, principalmente, a Luís de Camões talvez seja, mais que uma inegável moda da altura, no caso de Joly Braga Santos, um modo de aproximação a Luís de Freitas Branco, mestre que seguiu devotamente ao longo de toda a sua vida, tomando como missão pessoal e artística a continuidade das suas ideias.

Deste modo, tal como na tradição da canção erudita em Portugal, muito na linha dos *Madrigais camonianos* de Luís de Freitas Branco, Joly Braga Santos constrói uma linguagem moderna, mas de ímpeto neoclassicizante, fundindo música e texto numa só intenção expressiva em *Acordando*, num percurso harmónico que intensifica o êxtase do poema e, nos *Três sonetos de Camões* (onde se insere «Delgadas, claras águas do Mondego»), numa interrupção do lirismo por um recitativo que acentua a melancolia do poema. Ambas as obras foram compostas para voz e piano, em 1944-45 e, mais tarde, para voz e orquestra.

Fernando Lopes-Graça (1906-1994) é o discípulo de Vianna da Motta e de Luís de Freitas Branco que mais diverge, propositada e conscientemente, dos ensinamentos dos mestres, construindo uma linguagem própria de defesa da cultura popular. Ao contrário da imagem pitoresca que era veiculada por alguns dos compositores mais próximos das ideias estéticas e ideológicas do Salazarismo, com intenção última de mapear e limpar a cultura popular portuguesa aos olhos de nacionais e estrangeiros, Lopes-Graça empreendeu uma recolha séria, informada, e um trabalho que pretendia modernizador e valorizador da música popular portuguesa, cobrindo grande parte do território nacional nos seus inúmeros arranjos para voz, para coro e para formações instrumentais e orquestrais, numa pretensão de enaltecer, dar a conhecer e eruditizar a música popular, devolvendo-a ao povo com novas roupagens.

Nas palavras de Mário Vieira de Carvalho, «em oposição à imagem homogênea do folclore musical português, tal como ele se reconhecia no fado enquanto canção nacional ou nos ranchos folclóricos, Lopes-Graça postulava e procurava mostrar a sua enorme diversidade; em oposição à ideologia dominante do povo português como um povo contente consigo próprio ou resignado, ele procurava pôr em evidência o seu potencial de resistência, afirmação e transgressão» (*Pensar a música, mudar o mundo: Fernando Lopes-Graça*, 2006, p. 42). Exemplos deste tratamento são precisamente as canções *Agora é que ela vai boa*, *Meu lírio roxo* e *Cantiga de embalar*, em que

Lopes-Graça procura salientar as características-base de cada uma, conferindo modernidade e intemporalidade à aparente estagnação da música popular. Essa mesma resistência encontra-se na lúgubre *O menino da sua mãe*, sobre texto de Fernando Pessoa — obra composta em 1936, próxima do simbolismo e do expressionismo —, em que o tema da guerra e a crítica ao Estado Novo são evidentes no tratamento musical que Lopes-Graça dá às palavras, nomeadamente na declamação «(Malhas que o Império tece!)/Jaz morto e apodrece» e na comparação entre o embalo de uma criança e o reconhecimento da morte do filho soldado pela mãe.

Numa visão anterior e em tudo oposta à de Lopes-Graça, em Vianna da Motta, como no imaginário de grande parte dos românticos, a autenticidade nacional também residia na sua música popular, dada como pura, autêntica e afastada de influências externas. As três obras de Vianna da Motta incluídas neste programa partem, porém, de poesia erudita de João de Deus (*Tristeza e Lavadeira e caçador*) e de Guerra Junqueiro (*Canção perdida*). *Tristeza*, para barítono, orquestra de cordas e harpa, é-nos apresentada em primeira audição moderna, editada em 2017 por Elvira Archer e João Paulo Santos. Tanto *Canção perdida* como *Lavadeira e caçador* foram compostas para soprano e piano no final da década de 1890 e, mais tarde, orquestradas por Pedro de Freitas Branco. A romanza e as canções de Vianna da Motta denotam uma clara influência romântica germânica, num tratamento relativamente simples da música em que o lirismo da poesia é exacerbado pelo acompanhamento instrumental.

O concerto termina, em parte, como começou — com dança. Lopes-Graça constrói, em 1941, na sua linguagem orquestral de tensões, dissonâncias e diálogos entre timbres, três danças inspiradas na rítmica do fandango, da dança dos pauliteiros e do malhão, aquilo a que Mário Vieira de Carvalho chama «alegria como transgressão», dando uma voz ao povo que não aquela que o simplificava, mas sim uma voz que pode transgredir.

[Isabel Pina, Musicóloga]

*A formosura desta fresca serra*

A formosura desta fresca serra  
e a sombra dos verdes castanheiros,  
o manso caminhar destes ribeiros,  
donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,  
o esconder do gado pelos outeiros,  
o recolher dos gados derradeiros,  
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza  
com tanta variedade nos oferece,  
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;  
sem ti, perpetuamente estou passando,  
nas mores alegrias, mor tristeza.

### Acordando

Em sonho, às vezes, se o sonar quebranta  
Este meu vão sofrer, esta agonia,  
Como sobe cantando a cotovia,  
Para o Céu a minh'alma sobe e canta.

Canta a luz, a alvorada, a estrela santa,  
Que ao muno traz piedosa mais um dia...  
Canta o enlevo das coisas, a alegria  
Que as penetra de amor as alevanta...

Mas, de repente, um vento húmido e frio  
Sopra sobre o meu sonho: um calafrio  
Me acorda. — A noite é negra e muda: a dor

Cá vela, como dantes, ao meu lado...  
Os meus cantos de luz, anjo adorado,  
São sonho só, é sonho o meu amor!

Delgadas, claras águas do Mondego

Delgadas, claras águas do Mondego,  
doce repouso de minha lembrança,  
onde a comprida e pérfida esperança  
longo tempo após si me trouxe cego:

de vós me aparto; mas porém não nego  
que a memória que de vós me alcança,  
me não deixa de vós fazer mudança,  
mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem pudera Fortuna este instrumento  
da alma levar por terra nova e estranha,  
oferecido ao mar remoto ao vento;

mas a alma, que de cá vos acompanha,  
nas asas do ligeiro pensamento,  
para vós, águas voa, e em vós se banha.

*O menino da sua mãe*

No plaino abandonado  
Que a morna brisa aquece,  
De balas traspassado  
— Duas, de lado a lado —,  
Jaz morto, e arrefece.  
Raia-lhe a farda o sangue.  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
Fita, com olhar langue  
E cego os céus perdidos.  
Tão jovem! que jovem era!  
(Agora que idade tem?)  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome e o manteve:  
«O menino da sua mãe»:

Caiu-lhe da algibeira  
A cigarreira breve.  
Dera-lhe a mãe. Está inteira  
E boa a cigarreira.  
Ele é que já não serve.  
De outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
De um lenço... Dera-lho a criada  
Velha que o trouxe ao colo.  
Lá longe, em casa, há a prece:  
«Que volte cedo e bem!»  
(Malhas que o Império tece!)  
Jaz morto, e apodrece,  
O menino da sua mãe.

*Cantiga de embalar*

José embala o menino  
Que a Senhora logo vem:  
Ó-ó, ó-ó.

Foi lavar os cueirinhos  
À fontinha de Belém,  
Ó-ó, ó-ó.

*Agora é que ela vai boa*

Agora é que ela vai boa  
Roubaram-me o meu rapaz;  
Tinha três, fiquei com quatro,  
Ó i, ó ai, olha a falta que me faz!

O meu amor não me quer,  
Ora essa, ora agora!  
Eu tenho na minha rua  
Ó i, ó ai, quem de joelhos me adora.

*Meu lírio roxo*

A morte vem e não tarda,  
Eu dela não me atemorizo;  
Meu lírio roxo!

À boca de uma espingarda  
Eu tive o primeiro aviso,  
Meu lírio roxo!

### Tristeza

Esse olhar silencioso  
Em que língua se traduz?  
Fala-me ó astro saudoso,  
Luz do céu, pálida luz!  
Que aéreas visões me acordas,  
Que imagem, lua, recordas  
Nessa prateada cor?  
Que há em ti que a dor mitiga,  
Que há em ti, lâmpada amiga,  
De meigo e consolador?

17

Escuta, pálida lua,  
Dá-me um sorriso dos teus,  
Dá-me uma lágrima tua,  
Se és a pupila de Deus!  
Vê que outros mimos não tenho,  
Que em tua face desenho  
A face do meu amor:  
Uma só lágrima! fria  
Que ela me caia, diria  
Que uma lágrima caía  
Do céu ao menos na dor!

Canção perdida

Alguém de mim se não lembra	Quem dá ais, ó rouxinol
Nas terras d'além do mar...	Lá para as bandas do mar?...
Ó Morte, dava-te a vida,	É o meu amor que na cova
Se tu lha fosses levar!...	Leva as noites a chorar!...

Ó Morte, dava-te a vida,	É o meu amor que na cova
Se tu lha fosses levar!...	Leva as noites a chorar!...

O meu amor escondi-o	Ó meu amor, dorme, dorme
Numa cova ao pé do mar...	Na areia fina do mar,
Morre o amor, vive a saudade...	Que antes da estrela d'alva
Morre o Sol, olha o luar!...	Contigo me irei deitar!...

Morre o amor, vive a saudade...	Que antes da estrela d'alva
Morre o Sol, olha o luar!...	Contigo me irei deitar!...

Lavadeira e caçador

—Boas tardes, lavadeira!

«Boas tardes, caçador!

—Sumiu-se-me a perdigueira

Ali naquela ladeira;

Não me fazeis o favor

De me dizer se a brejeira

Passou aqui a ribeira?

«Olhe que d'essa maneira

Até um dia, senhor,

Perdereis a caçadeira,

Que ainda é perda maior.

—Que me importa, lavadeira!

Aqui na minha algibeira

Trago dobrado valor...

Assim eu fora senhor

De levar a vida inteira

Só a ver o meu amor

Lavar roupa na ribeira!...

«Talvez fosse melhor...

Ver coser a costureira!

Vir de ladeira em ladeira

Apanhar esta canseira,

E tudo só por amor

De ver uma lavadeira

Lavar roupa na ribeira...

É escusado, senhor!

—Boas noites... lavadeira!

«Boas noites, caçador!...

# Eduarda Melo SOPRANO



©Nelson Daires

Formada em canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música do Porto e o elenco do prestigiado CNIPAL em Marselha. Foi galardoada com o 2.º prémio do concurso internacional de canto de Toulouse. É convidada para numerosos festivais na Europa e canta sob a direção de maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus, Antonello Allemandi, em prestigiados teatros de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa).

Em ópera, destacam-se os papéis de: Bellezza (*Il trionfo del Tempo e del Disinganno*); Adelle (*Die Fledermaus*); Soeur Constance (*Dialogues des carmélites*); Euridice (*Orfeo ed Euridice*); Corinna (*Il viaggio a Reims*); Rosina (*Il barbiere di Siviglia*); Elvira (*L'italiana in Algeri*); Norina (*Don Pasquale*); Musetta (*La bohème*); Despina (*Così fan tutte*); Zerlina (*Don Giovanni*); Erste Dame (*Die Zauberflöte*) e Elle (*La voix humaine*).

Na temporada de 2025/2026, destacam-se o papel de Zerlina (*Don Giovanni*) na Opéra Grand Avignon, e a *Paixão segundo São Marcos* de Osvaldo Golijov, na Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direção de Joana Carneiro.

# Tiago Amado Gomes BARÍTONO

Tiago Amado Gomes iniciou os seus estudos musicais no Conservatório do Choral Phydellius. Licenciou-se em canto na Escola Superior de Música de Lisboa com Sílvia Mateus. Recebeu distinções como o Prémio Talento Musical (Austria Barock Akademie) e o prémio de Melhor Interpretação de Canção Portuguesa da Fundação Rotária Portuguesa (2018).



©DR

Em ópera, destaca-se nos papéis de Figaro em *Il barbiere di Siviglia*, Eisenstein em *Die Fledermaus*, Il Conte di Almaviva em *Le nozze di Figaro*. Em concerto, como solista: *Requiem* de G. Fauré, *Ein Deutsches Requiem* de J. Brahms, *Carmina Burana* de C. Orff e *Messiah* de G. F. Händel.

Trabalha também em produções teatrais com encenadores como Anna Leppanen, Bruno Bravo e Tiago Rodrigues.



©Susana Chicó

Nascido em Lisboa, concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragon e Elizabeth Grummer. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). Estreou-se na direção musical em 1990 com *The bear* (W. Walton), encenada por Luis Miguel Cintra. Dirigiu óperas para crianças, musicais, concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le vin herbé* (Martin) e *The English cat* (Henze) e estreias absolutas de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. É responsável pela investigação, edição e interpretação de obras portuguesas dos séculos XIX e XX. A sua carreira atravessa os últimos 40 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos, onde principiou como correpetidor e maestro titular do Coro, desempenhando atualmente as funções de diretor de Estudos Musicais.

# Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais.

Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes.

No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho.

No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

## À PROCURA DE UM SOM PORTUGUÊS

Teatro Nacional  
de São Carlos

22 NOV 📍 MÚSICA

Sábado, 20h

Sala Luis Miguel Cintra

Duração: 50 min.

€11 a €22 [com descontos]

(Não abrangido pelo Passe  
Cultura)

M/6

### CANÇÕES E OBRAS ORQUESTRAIS DE

Frederico de Freitas, Joly Braga Santos,  
José Vianna da Motta e Fernando Lopes-Graça

**SOPRANO** Eduarda Melo

**BARÍTONO** Tiago Amado Gomes

**DIREÇÃO MUSICAL** João Paulo Santos

**COM** Orquestra Sinfónica Portuguesa

**COAPRESENTAÇÃO** Teatro Nacional de São Carlos  
e São Luiz Teatro Municipal

### DIREÇÃO ARTÍSTICA

**TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS**

Pedro Amaral

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA OPART, E.P.E.

Conceição Amaral [Presidente],

Sofia Meneses [Vogal]

## TEATRO SÃO LUÍZ

**DIREÇÃO ARTÍSTICA** Miguel Loureiro **DIREÇÃO EXECUTIVA** Ana Rita Osório **ADJUNTA DIREÇÃO ARTÍSTICA** Tiza Gonçalves **ADJUNTA DIREÇÃO EXECUTIVA** Soraia Amarelinho **ASSISTENTE DE DIREÇÃO E PROJETOS EUROPEUS** Catarina Ferreira **DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO** Elsa Barão **ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE COMUNICAÇÃO** João Romãozinho **COMUNICAÇÃO DIGITAL** Ana Ferreira **MEDIAÇÃO DE PÚBLICOS** Diana Bento **PROMOÇÃO E ACESSORIA DE IMPRENSA** Mafalda Simões **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** Mafalda Santos **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Maria Beatriz Pinto, Marta Azenha, Sofia Teixeira **DIREÇÃO TÉCNICA** João Nunes [interino] **ADJUNTA DA DIREÇÃO TÉCNICA [INTERINA]** E **COORDENAÇÃO DA DIREÇÃO DE CENA** Marta Pedroso **DIREÇÃO DE CENA** Helena Ribeiro, Lara Canteiro, Maria Tavora, Sara Garrinhas **ASSISTENTE DA DIREÇÃO DE CENA** Cristina Soares **ILUMINAÇÃO** António Sofia, Carlos Tiago, Diogo Zózimo, Ricardo Campos **MAQUINARIA** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **SOM** Gonçalo Sousa, João Caldeira, Nuno Saias, Rui Lopes **VÍDEO** João Ramos, Melissa Logrado, Sérgio Joaquim **MANUTENÇÃO E SEGURANÇA** Ricardo Joaquim **CAMAREIRA** Rita Talina **BILHETEIRA** Mariana Branco, Marta Saavedra, Pedro Xavier

FOTOGRAFIA [GAP] ©Bailado "O Homem do Cravo na Boca"/Companhia Portuguesa de Bailados Verde Gaio/  
Teatro Nacional de São Carlos/Museu Nacional do Teatro e da Dança/Bernardo Marques, 1941/Foto Luís Oliveira/179711TC